

O “Twitter” como rede social na mediação dialógica entre alunos e professores

Larissa Barreiros Gomes
Gislene Evangelista Rangel

Introdução

A revolução tecnológica apresentada por Castells (2003) é um feito recente, mas que aconteceu numa velocidade nunca visto antes. Em poucos anos, vimos as novas tecnologias de informação e comunicação – NTIC’s – invadirem nosso dia a dia das mais variadas maneiras e alcances. É indiscutível a sua atuação e influência na vida das pessoas, refletindo na maneira como nos comunicamos, como nos comportamos, como estabelecemos relações, como enxergamos o mundo e como aprendemos. E essa influência toma proporções ainda maiores quando voltamos o nosso olhar para as crianças e os jovens que já nasceram inseridos nesse mundo digital. A linguagem, os saberes e as relações vão sendo recriadas e ressignificadas a todo tempo através da internet que é uma grande rede que conecta o mundo todo, transmitindo a ideia de que tudo e todos

estão ligados entre si. As relações humanas passam então a serem mais dinâmicas e horizontais, por não haver no ciberespaço distâncias físicas e sociais.

A partir de então a escola passa a ter a necessidade de se reconfigurar e se inserir em uma realidade linear do fácil acesso a informação e de alunos cada vez mais independentes ao construir seus saberes. Apesar disso, há uma desajuste na relação entre escola e tecnologias digitais, conforme resultado de um estudo desenvolvido por Evangelista e Sales (2016). O estudo aponta que “embora a intensa relação das pessoas com as tecnologias digitais se constitua como uma expressão da contemporaneidade, há um descompasso, um desajuste na relação entre o currículo escolar e as tecnologias digitais” (EVANGELISTA, SALES, 2016, p. 1107)

Esses fatos colocam a escola diante da necessidade de se reconfigurar. Essa necessidade fica ainda mais evidente quando observamos a relação juventude-escola e a crise que a mesma está passando. Dayrell (2007, p.1106) aponta que “Para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma ‘obrigação’ necessária”. Para compreender e buscar solucionar essa crise, o primeiro passo é compreender os sujeitos que protagonizam essa relação, observando o papel dos jovens e da escola.

Diante do cenário apresentado, esta pesquisa teve por objetivo intervir nessa relação, utilizando o twitter como uma possibilidade de tornar mais próximo esse diálogo. A partir da análise da empiria, o argumento aqui desenvolvido é que explorar os recursos tecnológicos, para muitos é visto como um vilão na sala de aula, pode se tornar um grande aliado dos professores e uma ferramenta motivadora para os alunos, tornando a experiência da aprendizagem mais dinâmica, facilitada e enriquecedora.

A pesquisa se deu como um projeto de intervenção a partir do conceito de pesquisa-ação apresentado por Thiollent (2005), com a proposta de inserir as tecnologias na sala de aula. Uma metodologia que não descarta a teoria e que leva o pesquisador a sair do âmbito da análise e se colocar efetivamente em campo, propondo, intervindo e se relacionando com os pesquisados e a proposta. Para

absorver as NTIC's em sala de aula, foi proposto que alunos criassem perfis no twitter e ali fossem feitas postagens a partir do conteúdo trabalhado em sala de aula. Para este artigo trago a análise das postagens mais focada no uso do Twitter dentro da sala de aula como um mediador que facilita a relação dialógica em busca de uma educação mais libertadora, crítica e, principalmente, em tratando-se de ensino médio, que reconheça o jovem como protagonista da sua história, da construção do seu conhecimento e com autonomia para dar seus próprios passos.

Metodologia

Para Lewin (1978, p. 216), pesquisa-ação é “um tipo de pesquisa de ação, uma pesquisa comparativa acerca das condições e resultados de diversas formas de ação social e pesquisa que leva à ação social”. Ele apresenta como objetivo dessa pesquisa a busca pela resolução do problema além de somente uma investigação teórica. É importante salientar que não se descarta aqui a importância da teoria, mas a base dessa metodologia é que a pesquisa possa sair do universo teórico, das análises e efetivamente vá a campo para propor transformações a realidade. Para isso é necessário que haja a participação efetiva dos pesquisadores e das pessoas ou grupos envolvidos no problema proposto como alvo de intervenção. Michel Thiollent define que:

(...) pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2005, p.16)

Os pesquisadores desempenham um papel ativo na resolução dos problemas, no acompanhamento e na avaliação dos resultados.

A intervenção que resultou neste artigo se realizou no Centro Educacional Ferreira D’Almeida, com a turma de primeira série do Ensino Médio e a professora Cláudia Franco que leciona história. Destaco aqui que essa é uma escola particular inserida num bairro do subúrbio do Rio de Janeiro, onde, em sua maioria,

a realidade dos alunos é de emergentes e por esse motivo ainda esbarram em dificuldades quando se trata de viver sua condição juvenil, tendo um acesso ainda um pouco limitado as tecnologias e encontrando nelas o seu espaço de lazer e de construção das suas relações sociais.

Como os resultados esperados foram observados no ciberespaço, então utilizei mais uma metodologia de pesquisa denominada Netnografia, também conhecida como etnografia virtual, é o método utilizado para observar as comunidades presentes na internet, porém o pesquisador sai de uma postura passiva de observação desengajada e passa a ser um participante ativo (Hine, 2004). Como tem sua origem na etnografia, as duas possuem a característica comum de que o pesquisador mergulha no grupo a ser estudado, inclusive nas suas subjetividades, para então falar sobre ele. No entanto, existe uma diferença importante entre as duas que é a questão do espaço, onde a primeira é aplicada em um espaço físico, enquanto a netnografia está alocada no ciberespaço.

As redes sociais - na internet - são as comunidades online que proporcionam uma interação entre seus membros, porém ainda que haja um conceito geral, elas funcionam de maneiras diversas e para compreendermos melhor as postagens é necessário observar como o twitter funciona: uma rede social que é uma espécie de pequeno blog onde os usuários têm até 140 caracteres para escrever sobre qualquer assunto. O twitter atrai os alunos pela facilidade e rapidez das postagens.

Os chamados “*twettes*” são esses pequenos textos postados que aparecem no perfil do usuário e para aqueles que o seguem. Para começar a acompanhar as atualizações do usuário, basta clicar em “*follow*” logo abaixo da imagem dele. Foi acordado com os alunos que eles se seguiriam entre si para que todos acompanhassem todas as atualizações e pudessem interagir, além de mim, que também os seguiria apenas como espectadora e posteriormente tirar o *print* dos *twettes*.

Para falar com alguém no Twitter e esta pessoa saber que estão falando com ela, é necessário colocar um @ seguido do nome do usuário. Se o usuário gostou da “*twittada*” de alguém e também quer reproduzir no seu perfil, basta

colocar um RT¹ (significa “Retwittar”) na frente do texto e dizer de quem são as palavras usando um @usuário. Outra ferramenta disponível é a chamada “DM –direct message” pela qual os usuários que se seguem podem conversar de forma privada por uma janela de conversa.

Foi então que se iniciou a fase de aplicação da proposta de intervenção, trabalhando o conteúdo a respeito da cultura, costumes e fatos históricos no século do Ouro (XVIII), seguindo as seguintes etapas:

Etapas 1. Os alunos criaram um perfil no twitter para personagens jovens que viveram naquela época, idealizado por eles. Inicialmente, a proposta da pesquisadora era que a rede social utilizada fosse o facebook, mas os alunos pediram que fosse utilizado o twitter porque, além dos gostos pessoais, esta rede social era de mais fácil manuseio para todos. Respeitando a autonomia dos pesquisados, e em especial o protagonismo juvenil defendido nessa pesquisa, a pesquisadora optou por atender essa demanda dos alunos.

Etapas 2. Em seguida deveriam buscar características na internet, como: tipos de experiências que os jovens daquele século tinham, problemáticas que eles partilhavam na rede social, entre outros. Alguns dos perfis criados pelos alunos representavam jovens filhos de escravos, outros filhos dos senhores de engenho e outros filhos de escravos que conseguiram alforria, e nesse momento mais uma vez a autonomia esteve nas mãos dos alunos. Por esse motivo, a pesquisadora e a própria professora não tiveram controle sobre quais e quantos personagens eles criaram.

Etapas 3. Durante uma semana os alunos tiveram que atualizar seus perfis, acompanharam os outros personagens e interagiram: curtindo, conversando, comentando e respondendo os twittes dos seus colegas.

1 RT é a abreviação para de “ReTweet” que significa replicar algo que foi escrito. RT no twitter significa que a pessoa copiou, repetiu o texto que outra já tinha escrito, mas parecendo os devidos créditos. Disponível em: <https://www.significados.com.br/rt-no-twitter/> Acessado em: 18/05/2018

Etapa 4. Após essa semana de interação a professora promoveu uma roda de conversa sobre o tema, as dificuldades e novidades que os alunos encontraram. E finalizou com um fechamento sobre o conteúdo trabalhado.

Para concluir a intervenção e passar para a análise dos dados e experiências coletadas, foi realizada uma nova entrevista estruturada com os alunos sobre como foi a percepção deles a respeito desse trabalho.

Análise de campo

Antes de iniciar a intervenção que utilizou o Twitter, os alunos foram entrevistados para que fosse possível uma maior compreensão das suas relações como a escola, os professores e o sistema de ensino propriamente dito. Em tratando-se da estrutura física do colégio, os alunos foram unânimes nas entrevistas em salientar que gostam da escola, mas que veem que algumas mudanças precisam ser feitas principalmente no sentido de trazê-la mais para a realidade dos dias atuais e juvenis. Essas afirmações salientam a ideia trazida por Spósito (2003, p.19 e 20) quando defende que é preciso compreendermos os espaços não escolares porque o aluno quer trazer para dentro das intuições referências da sociedade que o cerca e das relações que estabelece. Ele vive/busca viver sua condição juvenil, na qual também está inserido o uso das tecnologias, em todos os espaços que ocupa e a escola está incluída nessa dinâmica.

Já na relação aluno - professor, as respostas dos alunos nas entrevistas também se mostraram muito próximas umas das outras, a percepção das relações que eles estabelecem e as que desejam estabelecer são as mesmas e o destaque que eles dão àqueles professores que os dão liberdade e legitimam suas opiniões e experiências. Juarez Dayrell (2007), ao analisar essa dinâmica entre discentes e docentes nos traz à tona a reflexão sobre as relações de poder presente nas escolas ao afirmar que "Vem ocorrendo uma mudança significativa nessa relação, principalmente na questão da autoridade, onde os alunos não se mostram dispostos a reconhecer a autoridade do professor como natural e óbvia." (Dayrell, 2007. P. 1121)

Sob o contexto dessas entrevistas que ficou evidente a urgência com que o protagonismo juvenil precisa ser aderido à sala de aula e isso passou a ser um fator

fundamental no objetivo dessa pesquisa, enfatizando de que maneira as tecnologias usadas como ferramentas no processo ensino-aprendizagem podem dar essa autonomia aos alunos.

Ao mudarmos nosso olhar para a perspectiva do olhar desse jovem que hoje compõe o Ensino Médio somos capazes de perceber que anseia mesmo por uma reforma, mas uma reforma que vai muito além das horas de estudos, dos conteúdos estudados e da preparação desse aluno para o mercado de trabalho. Todos os elementos são importantes e constituem a condição juvenil no Brasil hoje, no entanto, os que mais estão em questão nas suas reclamações e exigências são: os espaços que a juventude ocupa, a sua valorização enquanto categoria social e a absorção desses novos modelos de se apresentar perante a uma sociedade. Legitimar os ciberespaços, as relações estabelecidas através de redes e o acesso às informações que levam a construção do conhecimento, são peças fundamentais para uma reestruturação efetiva e sadia nas salas de aula, em especial, as do Ensino Médio.

Spósito (2005, p.225) aponta que “os jovens que hoje estão no sistema de ensino experimentam a condição juvenil em espaços não escolares e já adentram na instituição com essas práticas e modos de vida consolidados porque possuem alternativas e querem, certamente, preservá-las”. Na maior parte do tempo esses alunos se deparam com uma escola funcionando de forma analógica, não abrindo espaço para que essa condição juvenil atual dialogue com o currículo formal da instituição. É como se fosse possível separar o jovem e o aluno, fazendo com que eles mesmos entrem nessa dinâmica e compreendam o sistema de ensino como um “passar de fases”, onde o objetivo é somar pontos para atingir o mínimo e seguir em frente, não valorizando a construção de conhecimento como um todo. A atividade proposta não somaria pontos para eles seguirem essa dinâmica, por tanto aquilo tornou-se sem sentido e desinteressante. Para mudar esse tipo de pensamento é necessário que as NTIC’s fossem absorvidas de forma orgânica e não como uma inovação conservadora².

2 Inovação conservadora é um conceito trabalhado por Cysneiros (1999) “quando uma ferramenta cara é utilizada para realizar tarefas que poderiam ser feitas, de modo satisfatório, por equipamentos mais simples.

Ainda que a adesão da turma não tenha sido muito grande, o objetivo da pesquisa era propor uma maneira de inserir as tecnologias em sala de aula e observar o resultado desse uso enquanto desenvolvimento do conhecimento, da participação autônoma dos jovens e da absorção de novos conceitos. Por este motivo, a pesquisa seguiu adiante e o volume de postagens e/ou participantes não interferiu na análise de campo realizada.

As postagens

Educação crítica é uma expressão bastante utilizada na academia e, em especial no Brasil, por Paulo Freire. Na perspectiva freiriana ela representa um modelo de educação que busca propiciar aos estudantes a construção de seus conhecimentos a partir de uma postura reflexiva e crítica, permitindo instrumentalizarem-se na luta pela melhoria das condições de vida. Em seus estudos, ele aponta que as formas tradicionais de educação funcionam basicamente para objetivar e alienar grupos oprimidos (Giroux, 1997). Na tentativa de superar os conceitos da educação bancária, Freire formulou bases para uma educação libertadora pautada em dois fundamentos principais: a problematização e o diálogo.

Problematizar é apresentado como um processo em que os alunos e o próprio professor se colocam diante de uma situação e criam indagações críticas e reflexões sobre tal realidade. O trabalho desenvolvido nesta pesquisa se valeu do twitter como uma ferramenta que auxiliou a professora e estimulou os alunos a tomarem essa postura, tendo em vista que para realizar as postagens eles precisaram se apropriar do conteúdo e o resignificar a partir das suas próprias experiências. A seguir, é feita a análise dos *tweets* postados pelos alunos nos perfis *fakes*.



Figura 1 – Tweet Silvano Jr.



Figura 2 – Tweet Silvano Jr.



Figura 3 – Tweet Matias Sebastião



Figura 4 – Tweet Matias Sebastião

Num primeiro momento as postagens aparecem mais com um tom de denúncia como pode ser observado nas figuras de 1 a 4. Os personagens vão ali narrando suas atividades diárias, mas principalmente os personagens escravos, vão apontando as más condições de vida. Isso pode ser exemplificado quando o Silvano Jr declara que “*Vou fazer uma pausa pro almoço, ops esqueci n tenho pausa*” (fig. 1) e coloca uma foto de mãos negras calejadas e marcadas pelo trabalho em excesso representando suas próprias mãos (fig. 2). Já Matias Sebastião vem apontando as penalidades físicas que eles sofriam quando não cumpriam o que era exigido pelo patrão (fig. 3 e 4). Ainda que os questionamentos críticos apontados por Freire não apareçam de forma tão explícita nessas postagens, podemos perceber nelas a ação do problematizar. Eles imprimiram suas narrativas a partir do momento que as conotações dessas postagens aparecem com o tom de crítica, de tristeza e de condenação àquela realidade.

Já quando partimos para análise dos *tweets* da Dulce, vemos esse pensamento reflexivo acontecendo de uma maneira mais clara ao se autodeclarar como uma “revolucionária” para a época. Podemos observar na figura 5 uma sequência de postagem que além de explicitamente se posicionar contra as ideologias e atitudes do pai, ela se coloca em ação.

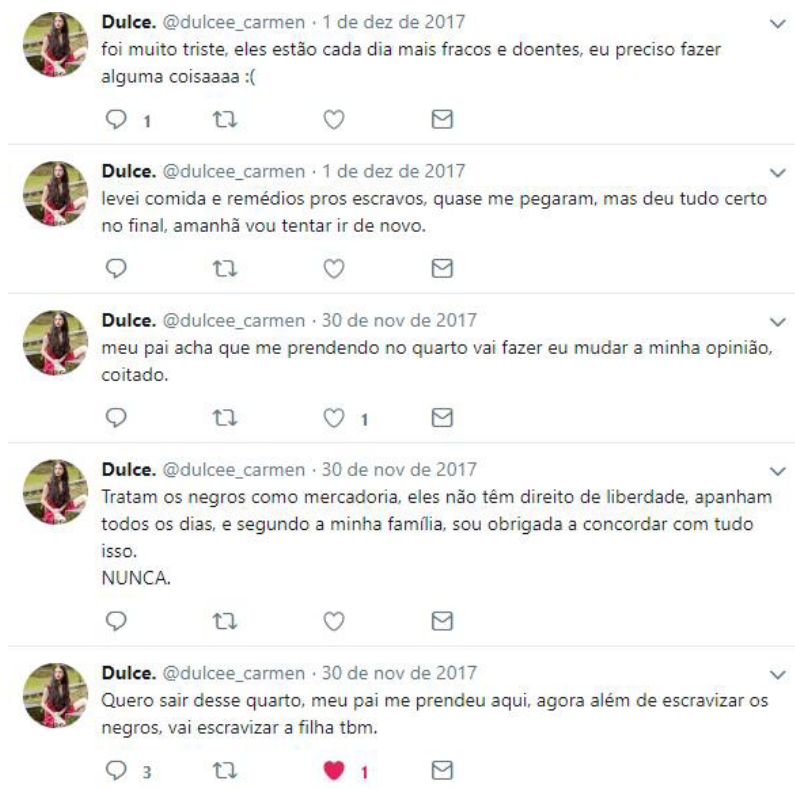


Figura 5 – Tweets de Dulce.

Ela fez a denúncia do que a inquietava quando disse que “*Tratam os negros como mercadoria, eles não têm direito de liberdade, apanham todos os dias, e segundo a minha família, sou obrigada a concordar com tudo isso. NUNCA.*” Então ela aponta os castigos que poderá sofrer e já afirma que estes não serão capazes de impedi-la “*meu pai acha que me prendendo no quarto vai fazer eu mudar a minha opinião, coitado.*” E conclui seu relato contando sobre a ação efetivada “*levei comida e remédios pros escravos, quase me pegaram, mas deu tudo certo no final, amanhã vou tentar ir de novo.*”

É a partir da criticidade, que segundo Freire, nasce a conscientização e é por meio dessa que os sujeitos assumem seu compromisso histórico no processo de fazer e refazer o mundo. Todavia, essa atividade proposta por si só não foi capaz de levar o aluno a esse patamar, ela foi um meio que levou o aluno a “tomada de consciência” que é um passo inicial para a conscientização como aponta o autor que “esta tomada de consciência não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência.” (FREIRE, 1979. P. 15).

O outro fundamento que Freire nos traz é o diálogo, que em termos gerais é o momento que os sujeitos se encontram para refletir sobre o problema posto que não pode ser sujeitado ao simples fato de depositar ou trocar ideias, ele é uma “exigência existencial”

Ao absorver as NTIC’s esse diálogo de se deu no próprio ciberespaço com os alunos interagindo na rede social entre eles. Fosse para reafirmar uma ideia com o RT ou até mesmo se colocarem em posição de embate nos diálogos.



Figura 6 – Retweet de Adetokumbo.



Figura 7 – Conversa de Edward e Silvano Jr

Na figura 6 podemos ver mais uma vez a postagem das mãos sofridas, só que agora retweetada pelo perfil de Matias Sebastião e em seguida pelo perfil do Adetokumbo, nos revelando que os três personagens compartilham da mesma opinião configurando assim um diálogo na dinâmica da internet. Ao trabalharmos com o ciberespaço é importante que compreendamos que as formas de se relacionar e se comunicar são próprias daquele ambiente e, portanto, legitimá-las. Na figura 7 já vemos um exemplo de diálogo mais direto entre os personagens, onde um responde ao tweet do outro e simboliza a tensão que existia entre os escravos e seus senhores de engenho.

Levando em consideração os aspectos que levam a construção de uma pedagogia libertadora, não são as novas tecnologias as protagonistas desse movimento. Elas são instrumentos pelas quais o professor pode trabalhar com seus educandos de modo que haja um processo dialógico e problematizador.

Para que a aprendizagem na escola ocorra de forma efetiva, faz-se necessário construir relação entre os sujeitos e o conteúdo, de modo a atribuir-lhe significado. Para isso, práticas educativas que partem do conhecimento prévio, dos interesses e das experiências dos alunos são consideradas importantes.

A aprendizagem do estudante se dá pela capacidade cerebral de processar informações e pela interação com o meio que pode ser facilitado através de uma ação pedagógica do professor. O aluno traz consigo uma bagagem de conhecimentos, experiências e conceitos que não pode ser deixada em segundo plano já que ele utiliza tudo isso para construir o novo conhecimento.

As postagens apresentadas a seguir nas figuras de 8 a 12 exemplificam e reforçam essa ideia a partir do momento que os alunos trazem os elementos da atualidade e das suas culturas juvenis para construir as relações e os sentimentos dos seus personagens. Dayrell aponta que “As culturas juvenis representam modos de vida específicos e práticas cotidianas que expressam um conjunto de significados compartilhados, um conjunto de símbolos específicos que sinalizam o pertencimento a um determinado grupo.” (Dayrell, 2008, p.187).

Um elemento muito presente nas realidades juvenis hoje são as fotos e vídeos. Os avanços tecnológicos trouxeram a facilidade de se ter em mãos câmeras de muito boa qualidade e fácil utilização agregadas aos celulares, por isso

não é difícil encontrar os jovens fazendo *selfies*³ e vídeos pequenos durante o seu dia. Sendo assim, vemos esse hábito sendo absorvidos nas figuras 8 e 9 quando os alunos buscaram imagens que pudessem representar o dia a dia dos seus personagens.



Figura 8 – Tweet de Matias Sebastião



Figura 9 – Tweet de Silvino Jr

3 *Selfie* é uma palavra em inglês, um neologismo com origem no termo *self-portrait*, que significa autorretrato, e é uma foto tirada e compartilhada na internet. Disponível em: <https://www.significados.com.br/selfie/> acessado em: 15/05/2018

No *tweet* de Matias Sebastião (Fig. 8) é apresentada a foto de uma sela com apenas jovens negros aprisionados em um pequeno espaço e aparentemente más condições de vida e na legenda o aluno escreveu “Foto tirada agora da *tekpix*⁴ do patrão! Olha como é o quarto em que eu durmo (emoji⁵ triste) triste realidade não temos espaço pra nada e nem privacidade”. Primeiramente, o aluno faz uma brincadeira ao falar sobre a *tekpix*, que não existe mais no mercado, mas já é uma marca que o aluno está inserindo aqui elementos da sua cultura. Além disso, ele utiliza uma imagem dos dias atuais, que para ele representa como eram as vidas dos escravos marcando assim a maneira como foi feita a assimilação do conteúdo que a professora apresentou a partir das suas vivências, da sua bagagem e da sua cultura. Já na figura 9 podemos observar essa mesma dinâmica de aprendizagem, mas agora vindo junto com uma crítica pois a postagem apresenta a foto de um homem negro carregando palha com um slogan ao lado que diz “Trabalho escravo: pensei que esse tempo houvesse passado.” É interessante observar como o contexto atual do aluno é fundamental nesse processo de construir o conhecimento, ainda que a proposta da atividade fosse para representar o século XVIII.



Figura 10 – Tweet de Edward Calixto

- 4 A TekPix é um dispositivo eletrônico multifunção que se tornou popular no Brasil por ser comercializado durante programas populares de TV aberta de forma exagerada e pitoresca. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2018/05/lembra-da-tekpix-a-camera-mais-vendida-do-brasil-veja-curiosidades.ghtml> acessado em: 15/05/2018
- 5 *Emoji* é de origem japonesa, composta pela junção dos elementos e (imagem) e moji (letra), e é considerado um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa. Disponível em: <https://www.significados.com.br/selfie/> acessado em: 15/05/2018

No *tweet* de Edward Calixto (Figura 10) aparece outro elemento muito marcante da cultura juvenil atual, que é o meme⁶.

No caso dessa postagem é um meme da personagem *Nazaré Tedesco*⁷ como se estivesse fazendo cálculos matemáticos e na legenda o aluno colocou "*Filho de Silvino Catatau querendo me ameaçar, calculando as chances de ele não morrer como o pai*" mostrando o sentimento de revolta e reforçando a ideia de que o destino dos escravos naquela época era a morte e os seus senhores de engenhos eram tão soberano que nada os ameaçava. Mais uma vez, elementos da sua realidade sendo trazidos para a assimilação do conteúdo por parte do aluno.

Conclusão

"Todos os dispositivos sofisticados e wifi do mundo não vão fazer diferença se não tivermos grandes professores em sala de aula."

Barack Obama

Ao andar pelos corredores da escola, ao conversar com os professores nos intervalos e ao vê-los interagindo com os alunos, era possível perceber que havia um abismo entre as gerações e o modo como concebem o mundo entre os educadores e educandos. O uso de celulares, computadores e principalmente as redes sociais ainda geram medo para aqueles que não os dominam completamente e ainda carregam enraizados em si a ideia de que essas mudanças vieram para roubar a atenção dos alunos e não para somar e aumentar o acesso a informação. A questão é que, de fato, quando o aluno não se sente motivado a mergulhar naquela aula ele aciona esses recursos como um escape, e assim o "monstro da tecnologia" segue assombrando as salas de aula. Essa pesquisa

6 Segundo o site significados.com.br, "O termo refere-se ao fenômeno de "viralização" de uma informação, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música e etc, que se espalhe entre vários usuários rapidamente."

7 Nazaré Tedesco, a vilã que ficou famosa por empurrar quem cruzasse o seu caminho na novela "Senhora do Destino", exibida pela Globo de 2004 a 2005 e reprisada em 2017. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2017/11/agui-naldo-silva-confirma-retorno-de-nazare-tedesco-em-nova-novela.shtml> acessado em: 15/05/2018.

não teve a intenção de apresentar a tecnologia como “o que faltava para melhorar a educação”, e sim tratá-la como mais um recurso, mais uma possibilidade de estreitar a relação aluno x escola x professor.

Quando começamos a elaborar essa proposta de intervenção, não esperávamos a riqueza de conteúdo que as postagens trariam e a diversidade de temas que poderiam ser discutidos através delas. Nesse sentido foi possível então problematizar o papel que a escola vem exercendo, os modelos de ensino que são almejados pelas novas gerações e qual o lugar do professor nesse processo. Na proposta aqui apresentada, o *Twitter* não tomou o lugar do professor, não supriu a necessidade das aulas expositivas e apresentação dos conteúdos. Ele veio como uma ferramenta capaz de aguçar e permitir que os alunos se apropriassem do que haviam visto, ouvido e lido durante as aulas de história e refletissem a partir disso. De fato, tirando-os da passividade e do modelo da educação bancária e trazendo eles para uma educação reflexiva, respeitando o seu “ser jovem” a partir do momento que esse movimento aconteceu levando em consideração a sua condição juvenil. Ao idealizarem seus personagens, ao escolherem suas histórias, ao pensar nas rotinas de cada um representado ali, os estudantes precisaram se posicionar politicamente, precisaram tomar partido, defender suas crenças e levantar a voz.

Não existem receitas prontas para a difícil e bonita tarefa de conduzir seu aluno a aprendizagem, cada professor deve buscar conhecer quem são esses sujeitos que vão viver essa jornada, quais são suas realidades, suas possibilidades, seus interesses. Se permitir ao diálogo para encontrar o melhor método, a melhor atividade para aquela turma e ter em mente que absorver as tecnologias é mais eficiente que colocar um papel na parede dizendo que elas estão proibidas de fazer parte daquele ambiente que é muito mais dos jovens do que do adulto.

Referências

- ABRAMO, Helena. Cenas Juvenis – punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Ed. Scritta, 1994, pp. 55-79.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. Identidades culturais juvenis e escolas: Arenas de conflitos e possibilidades. *Diversia Nº1*, CIDPA Valparaíso, p. 159-184, Abril 2009.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventudes e cidades educadoras. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 10 e.d. São Paulo: Paz e Terra. 2000
- COSTA, Ivanilson. *Novas Tecnologias e aprendizagem*. 2.e.d., São Paulo: Wak, 2014.
- CYSNEIROS, Paulo Gileno. Novas Tecnologias na sala de aula: Melhoria do ensino ou inovação conservadora? *Informática Educativa Uniandes – LIDIE Vol.12 Nº 1* pp. 11-24,1999
- DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social, BH, *Revista Brasileira de educação*, 2003
- DAYRELL, Juarez. Por uma pedagogia das juventudes, BH, Mazza Edições, 2016
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 10.e.d. São Paulo. Editora Paz e Terra. 1999
- GROPPO, Luís Antônio. Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro, DIFEL. Pp.7-25, 2000
- HINE, Christine. *Etnografia virtual*. Sage Publictionx, 2004.
- NOVELI. Do Off-line para o Online: a etnografia como um método de pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a etnografia para a internet? *Organização em textos*. Ano 6, N. 12. Jul/dez, 2010.
- SMITH, Adam. *A riqueza das nações* (v. 2). São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- SPÓSITO, Marília Pontes. Indagações sobre as relações entre juventude e a escola no Brasil. *JOVENes, Revista de Estudos sobre Juventud*. Ed. 9, núm. 22 México, DF, 2005.
- SPÓSITO, Revista USP, São Paulo, n57, p. 210-226, 2003
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez,2005.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da práxis*. 2.e.d. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1977.

Sobre a autora

Larissa Barreiros Gomes, São Paulo, SP. Graduada em Produção Audiovisual pela Universidade Estácio de Sá, especialista em Juventude no Mundo Contemporâneo pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Já atuou como professora do ensino fundamental e médio no Centro Educacional Ferreira D'almeida (CEFA). Hoje, atua como comunicadora no Centro Inaciano de Juventudes: Anchietanum. E-mail para contato: larissa@anchietanum.com.br